

APRESENTAÇÃO:

LETRAMENTOS E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA

Em tempos de ações e decisões consideradas, por muitos, retrógradas em relação à educação brasileira e, em especial, à educação superior, é preciso discutirmos quais são os nossos papéis na formação de professores em meio a esses contextos. Junto a um neoconservadorismo de extrema direita em que diversos direitos e conquistas têm sido cooptados, percebemos a força e doxa neoliberal colaborando com uma visão de educação voltada para o mercado de trabalho, ranqueamentos e certificações. Trata-se do retorno de um tradicionalismo em que raramente os acadêmicos, os formadores de professores e a comunidade escolar são consultados.

Dentre os diversos “ataques” à educação brasileira, destacamos movimentos e políticas sob forte influência religiosa e ideológica e que se colocam afeitas ao controle, à padronização e à normatividade. É o caso do Movimento Escola Sem Partido, do movimento Pro-Homeschooling e do programa de criação de escolas cívico-militares. Na educação linguística, em particular, destacamos uma forte crítica a perspectivas socioculturais e o retorno de propostas no discurso da evidência científica, como aponta a nova Política Nacional de Alfabetização (PNA) toda fundamentada numa acepção estritamente cognitiva de linguagem, leitura e escrita cuja instrução de base fônica é posta como solução para os altos índices de analfabetismo no Brasil. Trata-se, portanto, de uma crítica direta aos estudos dos letramentos marcada por uma posição desrespeitosa e leviana do atual governo quanto ao legado dos ideais freireanos, cujo entendimento de linguagem, leitura e educação primavam por contextualização, curiosidade e criticidade agora postos em xeque.

O retorno ao tradicionalismo, ao autoritarismo e ao controle presentes nos recentes projetos de lei aprovados pelo atual governo bem como nos movimentos sociais neoconservadores tecem uma ferrenha crítica às contribuições de Freire, sobretudo suas primeiras produções (como a *Pedagogia do Oprimido*) e o desejo de Freire pelo combate à opressão por meio de uma educação dialógica calcada no exercício de conscientização. Interessante observar que aquilo mesmo problematizado por Freire, qual seja, o modelo de educação bancária, é hoje resgatado nas políticas e programas de governos neoconservadores em um claro retorno ao disciplinamento, à prescrição e à docilização da sociedade: os diversos *O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;*

- a) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
[...]
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
[...]
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais, ouvidos nesta escolha, se acomodam e ele;
[...]
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.
(FREIRE, 1996, p. 34)

Em contrapartida a esses preceitos, diversos estudos do campo da linguagem e da alfabetização foram constituindo um terreno fértil que revisou profundamente a visão estruturalista de língua e a aceção de leitura como ato individual e meramente cognitivo. Por meio da influência de Freire e do diálogo interdisciplinar com os campos da Sociologia, Filosofia, Antropologia e Teoria Crítica, os estudos linguísticos passam cada vez mais a legitimar o caráter sociocultural da linguagem e do conhecimento, fazendo-se, portanto, necessário revistar a própria concepção de alfabetização, o que culminou na robusta produção científica acerca do tema tanto no Brasil quanto no âmbito internacional. Isso explica, aliás, as diferentes terminologias que circulam em torno da questão: letramento, letramentos, novos letramentos, multiletramentos, além do uso do termo somado a modificadores, como letramento crítico, letramento visual, letramento visual. O denominador comum dessas discussões consiste, basicamente, na crítica do modelo autônomo de letramento e no reconhecimento da leitura/escrita como prática social. Em outras palavras, os estudos sobre letramento (*new literacy studies*, no inglês) se originaram em resposta às limitações da ideia de alfabetização (no inglês, *literacy*) marcado pelo foco no ato individual de leitura, ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica. Os estudos do letramento buscam, portanto, legitimar os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009).

Em linhas gerais, entendemos letramentos como movimentos educacionais entrecruzados, desenhados a partir da necessidade de revisitarmos o que se entende por língua, linguagem, ensino de línguas e sociedade. Parafraseando Jordão, Monte Mór e Martinez (2018), falar de letramentos já faz parte do escopo da Linguística Aplicada e formação de professores há pelo menos duas décadas no Brasil: “Letramento então associa-se a maneiras de estar no mundo e não apenas aquilo que se transmite a alguém em processo de escolarização, como já

se considerou muitos dos saberes escolares e das práticas de alfabetização, pautadas, por vezes em uma concepção de linguagem simplificada e reducionista” (JORDÃO *et al.*, 2018, p. 11 *apud* CASOTTI; FERRAZ, 2019, p. 19).

Este dossiê temático sobre os letramentos se coloca como um dossiê-manifesto, de modo a legitimar a sólida produção científica brasileira construída nas últimas décadas e, simultaneamente, reconhecer a grande influência de pesquisadores brasileiros cujos trabalhos têm se voltado para a temática. Em plena sociedade marcada por um neoconservadorismo, cujos projetos políticos visam apagar a criticidade nas escolas, é fundamental investirmos na continuidade do debate inaugurado e já consolidado pelos estudos sobre letramentos por conta de seu caráter questionador, problematizador e dialógico. Precisamos insistir nos letramentos, pois eles podem nos ajudar a entender língua, linguagem e sociedade de formas menos opressoras e mais justas. É, ainda, em momentos de crise e de autoritarismo, que a crítica e a esperança se fazem presentes, como o próprio Freire nos ensina.

Baseados nessa breve contextualização, esta Edição Especial sobre Letramentos apresenta nove trabalhos que buscam problematizar os letramentos em seus variados contextos, acepções e práticas. Por meio da ênfase à relevância dos movimentos dos letramentos no campo educacional, os trabalhos desta edição buscam, em seu conjunto, questionar uma educação bancária que, para estes editores, deveria ter sido ultrapassada há décadas.

Esperamos que todos tenham boas leituras!

Ana Paula Duboc
Cláudia Jotto Kawachi Furlan
Daniel de Mello Ferraz
Souzana Mizan